



OS PRESSUPOSTOS DA DIALÉTICA HEGELIANA

*Marcos Fábio Alexandre Nicolau**

RESUMO: Buscaremos os pressupostos da dialética hegeliana, que, embora esteja em diálogo constante com a tradição, não é um método dialógico, uma “arte do diálogo” que busca demonstrar uma tese mediante uma argumentação capaz de definir e distinguir com clareza os conceitos envolvidos na discussão, como fora pensada por Aristóteles e pelos medievais. A dialética hegeliana não é, de forma nenhuma, diferente de seu conteúdo, pois ela é o conteúdo em si mesmo, a estrutura e o desenvolvimento do próprio ser.

Palavras-chave: Método Hegeliano, Tradição Dialética, Contradição.

Iniciamos nossa busca pela dialética hegeliana partindo de uma breve exposição do surgimento da prática dialética entre os gregos, e nos remetemos às bases do idealismo alemão quando necessário, ou seja, a filosofia crítica iniciada por Kant.¹

Qual a origem do método dialético? Na história da filosofia vemos o nascer da dialética com os gregos², e, como salienta Spinelli, esse método dialético já pode ser

* Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC, Doutorando em Educação pela FAGED/UFC. Professor Substituto do Curso de Graduação em Filosofia do ICA/UFC.

¹ Pois como bem afirma Baum em sua obra **A gênese da dialética hegeliana**: “É de fato possível e mesmo inevitável remeter a gênese da dialética hegeliana também à influência de filósofos antigos ou contemporâneos; no entanto, nenhum dos pretendidos fundadores ou co-fundadores [da dialética] intencionou nem de longe uma tal concepção do conceito e do método da Filosofia. É, portanto, legítimo e oportuno observar a gênese da dialética hegeliana a partir de si mesma e abstrair daqueles autores que não tinham de modo algum o objetivo de construir uma dialética no sentido de Hegel.” (BAUM, 1986:5)

² Quanto à etimologia e pré-história da palavra dialética, recomendamos a interessante obra de Sichirollo, que em seu primeiro capítulo se lança ao estudo do termo em suas origens lingüísticas e culturais na Grécia antiga, onde a analisa tanto como verbo quanto como substantivo, além de relatar seu aparecer em obras clássicas como as de Heródoto, Xenofonte e Tucídides, do qual supõe ter sido Platão influenciado na criação de seu Sócrates. Cf. SICHIROLLO, 1980:11-21.

antevisto em Pitágoras, considerado por alguns o primeiro filósofo³:

O modo grego de pensar é, em geral, afirmativo, mas não linear, e sim, digamos, “dialético”, ou seja, caracterizado por um modo dualista de pensar. Foi a tradição pitagórica (cultura da idéia do tempo cíclico e do conceito de “antinomia”) que o concebeu deste modo, como se o pensamento só fosse capaz de pensar por oposição, confrontando diferenças – nos termos de Xenófanes: “Se o divino não tivesse feito o dourado mel, os figos seriam o exemplo aproximado da doçura”.(SPINELLI, 2004:69)

Em linhas gerais, os conceitos encontradas no método dialético objetivam direcionar e fundamentar o pensamento, no sentido de conferir instrumentos apropriados para a elaboração de uma filosofia que, de fato, costuma entrar em choque com a habitual maneira linear e dogmática de se interpretar a realidade, pois tal forma de análise acaba por ignorar um dos aspectos mais essenciais do real: a contradição.

Dessa forma, a contradição não pode ser entendida como uma categoria interpretativa desvinculada do real, pois ela lhe é inerente e se constitui como seu próprio movimento, funcionando como um estopim gerador dos conflitos e das disputas onde existe o debate ou a argumentação dialética. Na filosofia hegeliana a realidade na sua totalidade subjetiva-objetiva é contraditória, portanto, ela é essencialmente dialética. Pois a dialética manifesta a oposição no seio da identidade do ser, apresentando as ditas *aporias*, que para o filósofo são na verdade as condições fundamentais de possibilidade de todo discurso – a saber, ser idêntico/ser outro; ser uno/ser múltiplo; ser infinito/ser finito; ser absoluto/ser relativo; ser necessário/ser contingente; que podem muito bem ser descritas como relações estruturais: relação de alteridade, relação de pluralidade, relação de negação entre finito e infinito, relação de dependência, relação de possibilidade (Cf. LIMA VAZ, 2002:15). O que já fora constatado na antiguidade por aquele que a tradição filosófica conheceu como “O Obscuro”: Heráclito.

Heráclito interpretou a realidade tendo como princípio o devir. Esta via de acesso é observada através de seus fragmentos, que dizem: “Aos que entram nos mesmos rios outras e outras águas afluem” ou “Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo” (HERÁCLITO DE ÉFESO, 1991:52 e 60)⁴, e como não estamos duas

³ Nas palavras de Mattéi: “Se é verdade que a filosofia constitui de Platão a Heidegger, e de Spinoza a Hegel, esse campo único onde o pensamento se confronta com a totalidade do ser, então o conjunto desta reflexão se inscreve necessariamente sob o signo daquele que foi o primeiro a portar o título de “filósofo.” (MATTÉI, 2000:5-6). Fala isto por ser Pitágoras aquele, segundo o testemunho de Diógenes Laércio, o emitiu o termo *filósofo*, se auto-intitulando assim.

⁴ Outra tradução, talvez mais esclarecedora do *Fragmento 91* completo, encontra-se em BERGE, (1969:279). Onde se lê: “Não se pode descer duas vezes para dentro do mesmo rio, (nem tocar duas vezes a mesma substância perecedoura enquanto mantém o mesmo modo de ser, pois, pela

vezes no mesmo rio, então não encontramos a mesma pessoa, logo entramos e não entramos, encontramos e não encontramos, somos e não somos. O que Heráclito quer dizer é que, em qualquer lugar, tudo passa, e que coisa nenhuma é estável, suprimindo o sossego e a estabilidade no universo, pois “O combate é de todas as coisas pai, de todas rei” (HERÁCLITO DE ÉFESO, 1991:53), o que nos autoriza a afirmar, juntamente com Spinelli, que:

Heráclito foi, digamos, o “dialético” mais expressivo, sobretudo por ter praticado de fato, e na medida em que se propôs objetivamente a produzir o saber ou a fazer ciência, o modo dualista de pensar. Em seus fragmentos, é importante destacar, que não consta sequer uma vez a palavra dialética, mas, em compensação, aparecem vários outros termos que veiculam conceitos de inter-relação e de ordenamento que a dialética comporta (*diáiréo, diagnóstico, diaphéro, diakosméo, diakósmesis, diapheúgo*). (SPINELLI, 2004:77)

O princípio base de Heráclito está na síntese de todas as oposições, que congrega o que se afirma no conflito. É no conflito, lugar vivo e ativo, no qual os contrários coexistem, pois o sentido da fome é a saciedade, o sentido da guerra é a paz, o sentido do dia é a noite. Ensina o Obscuro que se isolamos os contrários, perdemos o sentido das coisas, para que as coisas tenham sentido os negativos devem ser considerados, pois a convergência dos contrários é mãe de todos os conflitos. Por isso, embora a ordem lute contra o caos, ela não o pode eliminar de todo. O que constata Schüller em seu estudo sobre a filosofia heraclitiana:

Enquanto caminhamos para morte, cultivamos vida. Células vivas substituem as mortas, por isso vivemos [...] A saúde “suave e deliciosa” acontece no jogo das oposições. Se da doença provém a negação da saúde, esta se restaura como negação da negação. (SCHÜLER, 2001:84 e 106)

E é esse caráter dialético que Heráclito traz que fascina Hegel, esse jogo de opostos, contraposto direto à filosofia eleática, no qual sustentava que as trevas e a luz, assim como o mal e o bem, não são diferentes, mas uma e a mesma coisa: “a rota [caminho] para cima e para baixo é uma e a mesma” (HERÁCLITO DE ÉFESO, 1991:57).

Porém, “se desejamos caracterizar a idéia da lógica hegeliana, é útil pô-la em comparação à dialética platônica”, essa sentença do comentário de Gadamer (2000:79) à **Lógica** de Hegel, acaba por justificar o pequeno excurso que agora

veemência e rapidez de sua transformação, ela) se dispersa e torna a congrega-se, aproxima e distancia-se”.

faremos. Sabe-se que na antiguidade clássica, é em Platão que a dialética tem sua valorização máxima⁵, como se afirma na seguinte passagem:

Ora, não é mesmo essa ária, Glauco, que executa a dialética. Apesar de ser do domínio do inteligível, a faculdade de ver é capaz de imitar, essa faculdade que nós dissemos que se exercitava já a olhar para os seres vivos, para os astros, e, finalmente, para o próprio Sol. Da mesma maneira, quando alguém tenta, por meio da dialética, sem se servir dos sentidos e só pela razão, alcançar a essência de cada coisa, e não desiste antes de ter apreendido só pela inteligência a essência do bem, chega aos limites do inteligível, tal como aquele chega então aos do visível. (PLATÃO, 2006:229)

A dialética é, assim, também inicialmente um processo de abstração, que permite com que se chegue à definição de conceitos. Essa característica da dialética platônica faz com que Hegel a considere como uma das perspectivas básicas a gênese de sua dialética. Por isso apresenta, em suas **Lições de História da Filosofia**, ao tratar da dialética platônica, o eixo de três diálogos que expressariam a abstração da Idéia especulativa em seu puro conceito, pois, segundo ele, a dialética do pensamento puro se encontra nos diálogos “mais difíceis” de Platão: o Sofista, o Filebo, e, mais especialmente, o Parmênides (Cf. HEGEL, 1892:56).⁶ Uma definição do procedimento da dialética platônica foi dada por Goldschmidt, que afirma:

O dialético procede como o geômetra até chegar à hipótese-definição. Mas, em vez de passar nesse momento imediatamente e sem retorno para as conseqüências, ele se eleva progressivamente de hipótese em hipótese, até chegar ao “princípio de tudo” (República, VI, 511b), “ao que há de mais luminoso no ser” (idem, 518c) – a essência; daí ele só torna a descer para as conclusões (ciência “perfeita”). (GOLDSCHMIDT, 2002:9)

Por isso Platão afirma que:

a dialética se situa para nós lá no alto, como se fosse a cúpula das ciências, e que estará certo que não se coloque nenhuma outra

⁵ Cf. SICHIROLLO, 1988:11. Segundo a perspectiva de Goldschmidt, a dialética se apresenta de três maneiras diferentes em Platão, a saber: a técnica socrática da refutação, nos primeiros diálogos; o método da divisão, ou seja, aquele de procurar definições por dicotomia de noções, começando com as mais gerais, presente no **Sofista** e no **Político** e, por último, a ciência universal e suprema presente na **República**, na qual o temos como um método de ascensão ao inteligível, método de dedução racional das idéias. Cf. GOLDSCHMIDT, 2002:11.

⁶ Porém, somente teceremos comentários ao **Sofista** aqui, pois a proposta seria tão somente enfatizar a importância da dialética platônica em sua consideração por Hegel, e é no Sofista que Platão nos mostra como fazer dialética, e a importância da combinação das idéias e a função desse procedimento.

forma do saber acima dela, mas que representa o fastígio do saber.
(PLATÃO, 2006:232)

Poderíamos, de forma geral, dar por exposto o que é a dialética em Platão com essa citação de **A República**, mas a consideração hegeliana de Platão está vinculada principalmente aos três diálogos supracitados, que marcam uma verdadeira evolução no pensamento platônico. Pois as formas da dialética de Platão coincidem com a totalidade de sua filosofia, com o chamado sistema das idéias ou formas. Se as idéias existem como realidade em si, como são tratadas no **Parmênides**, que relações há entre as coisas e as idéias e qual é a comunhão interna da essência e das formas: eis o problema que Platão põe a si mesmo e ao leitor como problema especulativo. Se se negar a existência das formas dos seres, se não se aceitar as formas definidas, nem que essas formas devam se manter eternamente idênticas, então perde-se qualquer possibilidade de dialética. O que Platão entende aqui por dialética vem dado no **Sofista** – que, segundo Lima Vaz (2002: 13), deve ser considerado “o texto fundador da dialética como ontologia”⁷ –, que tem por objeto as formas nas suas conexões: o discurso somente é possível para nós se houver a recíproca conexão das formas; se fossem estranhas uma à outra, como poderíamos falar? Se, depois, analisarmos a nova forma de dialética como é exposta no **Sofista**, essa ação é ainda mais evidente: “Dividir assim por gêneros, e não tomar por outra, uma forma que é a mesma, nem pela mesma uma forma que é outra, não é essa, como diríamos, a obra da ciência dialética?” (PLATÃO, 1972:184): uma ciência extraordinária pode ver uma forma única desdobrada numa pluralidade de formas distintas entre si, diferentes e encerradas numa forma única.

É aqui no **Sofista** que Platão expõe de forma clara o problema especulativo apresentado no **Parmênides**: a relação entre as idéias. Nele faz opção por cinco idéias gerais (Cf. PLATÃO, 1972:186-190), visando explicitar o nexos dialético entre as idéias. Diz Platão: “tudo o que é outro só o é por causa da sua relação necessária a outra coisa” (PLATÃO, 1972:187). Assim, analisa o movimento e o repouso, demonstrando como eles são, ou seja, como participam também do ser. Pois são idênticos consigo mesmo, e participam da identidade, ainda que sejam diferentes um do outro, e participem da mesma forma da diferença, não sendo um o que é o outro e, enquanto tal, não são. Cada um é e não é ao mesmo tempo. Dessa forma Platão demonstra que podemos afirmar o não-ser de todas as idéias, mesmo da idéia de ser, já que ela não pode ser considerada nenhuma outra idéia que ela mesma. A importância do **Sofista** para Hegel é a de que esse diálogo, ao admitir a existência do não-ser provoca mudanças na doutrina do uno e dos primeiros

⁷ O filósofo brasileiro também afirma que “o problema do **Sofista** é, por excelência, o problema da constituição de uma ciência absoluta, isto é, de uma filosofia”, e não podemos atribuir também tal ensejo à lógica de Hegel? (LIMA VAZ, 2001:14).

princípios (Cf. PLATÃO, 1972:170-174)⁸, o que podemos muito bem ver sendo utilizado por Hegel no começo da **Lógica** ao considerar a questão do começo como ser-nada-devir.

Dessa forma, nos atendo ao **Sofista**, a dialética platônica pode ser considerada como a arte que mostra as regras da comunidade e gêneros, não misturando conceitos previamente definidos, mas inserindo metodicamente cada conceito em um todo conceitual (Cf. PLATÃO, 1972:182-183).

Diante de tais assertivas, podemos concluir que, para Hegel, Platão é mais que uma referência. Pois, como salienta Luft, além do assumir da proposta platônica descrita na análise do **Sofista**, acima exposta, antevemos em Platão uma característica dialética que será amplamente assumida por Hegel, ou seja, a consideração de uma contradição por insuficiência, o que é estabelecido em seu comentário ao método dialético de Platão, no qual expõe tal ligação geral entre a dialética platônica e a dialética hegeliana quanto a essa característica:

A contradição dialética não surge, também, de uma relação entre opostos, e sim de uma insuficiência de um dos opostos consigo mesmo, enquanto não consegue ter sentido isolado [...] É justamente a partir deste caráter originário de *falta* que deve ser entendido o conceito de contradição em Hegel. (LUFT, 1996:457-458)⁹

Assim, tomando as filosofias de Heráclito e Platão como referenciais¹⁰, Hegel conclui que, ao se negar a contradição como parte naturalmente integrante da realidade, se impede a visão filosófica de realizar sua primordial função, que consiste na análise, ou investigação, da realidade com base nas suas contradições, ou seja, a aceitação da contradição como algo inerente e natural no processo de gestão e aquisição do conhecimento humano. Pois em seu sentido superior, a dialética consiste em seguir determinando o absoluto em si mesmo e é assim, como dialética especulativa, que revela a unificação das contradições, originando um método que pode ser tido como uma “estrutura de negações ou de uma estrutura de negação” (UTZ, 2005:166). Por isso podemos afirmar com Gadamer (2000:21) que “a idéia da lógica hegeliana vem a ser uma espécie de reincorporação da totalidade da filosofia grega à ciência especulativa”.

⁸ Onde analisa as teorias antigas do ser: as doutrinas pluralistas (Heráclito) e as unitárias (Parmênides).

⁹ Conferir também: LUFT, 1995:82-85.

¹⁰ Como bem disse Wahl (1950:363): “Foi certamente outro o espírito do próprio Hegel, que sempre pensava por meio de oposições, como Heráclito, e sempre por meio de sínteses cada vez mais amplas, como Platão.” Porém, é obvio que na gênese da dialética hegeliana entram em cena outros sistemas filosóficos de importância ímpar (Parmênides, Aristóteles, Plotino, Proclo, etc.), porém, optamos por apresentar os de Heráclito e Platão por os considerarmos mais latentes na **Ciência da Lógica**, nossa obra base ao estudarmos a dialética em Hegel.

Ainda com Gadamer (2000:31), enumeramos três elementos que constituem a essência da dialética para Hegel, são eles: 1) que o pensar é pensar de algo em si mesmo, ou seja, para si mesmo; 2) que este pensar enquanto tal é o conjunto de determinações contraditórias; e 3) a unidade, fruto do próprio processo do pensamento dessas determinações contraditórias, enquanto são suprassumidas nessa unidade, possui a natureza própria de si mesma, elementos que Hegel compreende já estarem na dialética dos antigos. É essa consideração da contradição que Hegel busca assimilar radicalmente em seu método, motivo pelo qual imporá correções às antinomias kantianas, embora louvando a iniciativa do filósofo de Königsberg em voltar sua atenção à dialética.

Enquanto o primeiro grande desenvolvimento da lógica hegeliana se dá na identidade da metafísica com a lógica, o segundo desenvolvimento diz respeito ao próprio elemento da contradição. Sabe-se que Hegel introduz suas discussões sobre a contradição por meio de uma consideração das antinomias kantianas.¹¹ Para cada uma das quatro antinomias kantianas, duas proposições opostas são afirmadas com relação ao mesmo objeto, e é mostrado que cada uma das proposições opostas deve ser afirmada com igual necessidade.¹² Dessa forma, cada antinomia põe uma contradição, motivo pelo qual Hegel acentua a importância da exposição kantiana das antinomias:

Estas antinomias kantianas continuam sendo sempre uma parte importante da filosofia crítica; são elas, especialmente, as que têm produzido a queda da anterior metafísica e podem considerar-se o trânsito principal para a filosofia moderna, enquanto em particular tem contribuído a produzir a persuasão sobre a nulidade das categorias da finitude pelo lado do conteúdo, que é um caminho mais correto que o caminho formal de um idealismo subjetivo, segundo o qual o defeito delas deveria consistir em seu ser subjetivas, e não no que elas são em si mesmas. Porém, apesar de

¹¹ Diz Hegel, já na Introdução da **Lógica**, o limite de seu débito com Kant: “Kant elevou muito mais a dialética — e isto constitui um de seus maiores méritos — ao quitar-lhe toda a aparência de ato arbitrário, que tinha segundo a representação ordinária, e apresentou como uma *operação necessária da razão*. Entretanto se entendia a dialética só como uma arte de criar miragens e suscitar ilusões, se havia suposto simplesmente que ela jogava um jogo falso e que toda sua força se fundava apenas no ocultar da fraude; que seus resultados eram sub-reptícios e de aparência subjetiva. Evidentemente as exposições dialéticas de Kant, nas antinomias da razão pura, não merecem muitos louvores, quando se as examina cuidadosamente, como o faremos com mais amplitude na continuação deste trabalho; porém, a idéia geral, que ele pôs como fundamento e valorizou, é a *objetividade da aparência, e a necessidade da contradição*, que pertence à *natureza das determinações do pensamento*.” (HEGEL, 1993¹:73). No decorrer do texto utilizaremos (1993¹) e (1993²) para designar respectivamente os tomos I e II da versão espanhola de Mondolfo.

¹² Das quais, Hegel apresenta o exemplo no qual é afirmado do mundo que ele tem e que ele não tem um começo no tempo e limites no espaço, questão essa que é exposta na **Propedêutica** (Cf. HEGEL, 1989:116-119), e, posteriormente, em nota da própria **Ciência da Lógica** sobre as antinomias kantianas (Cf. HEGEL, 1993¹:301-306).

seu grande mérito, esta exposição é muito imperfeita (HEGEL, 1993¹:246).

Pois, de acordo com Hegel, Kant falha em dois aspectos principais: o primeiro está em trazer à tona somente quatro antinomias, que são derivadas fundamentalmente da tábua das categorias. Hegel insiste, por outro lado, que as antinomias são encontradas em todos os tipos de objetos, e toda e qualquer representação, conceito e idéia. Pois não há absolutamente nada em lugar nenhum em que a contradição, isto é, determinação oposta, não possa e não deva ser exposta, como esclarece na **Enciclopédia**:

O ponto principal a destacar é que não é só nos quatro objetos particulares tomados da Cosmologia que a antinomia se encontra; mas antes em *todos* os objetos de todos os gêneros, em *todas* as representações, conceito e idéias. Saber disso, e conhecer os objetos segundo essa propriedade, faz parte do essencial da consideração filosófica. Essa propriedade constitui o que se determina mais adiante como o momento *dialético* do lógico. (HEGEL, 1995:121)

O que pode ser compreendido na consideração de outro aspecto em que, para Hegel, Kant falha, caracterizado como a “ternura pelas coisas do mundo”. A questão, para ele, é que Kant toma as contradições como pertencentes, não à essência das coisas do mundo, mas somente à razão pensante: “Há uma excessiva ternura para com o mundo neste ato de remover a contradição dele, e transferi-la, por sua vez, ao espírito, à razão e deixá-la subsistir ali sem solução” (HEGEL, 1993¹:306).¹³ A contradição deve ser libertada não somente para além dessas quatro instâncias apresentadas nas antinomias kantianas, mas também para além do mero pensamento, ou seja, para além da nossa razão; o que Hegel pretende é que seja reconhecida a instância da contradição na própria essência do mundo mesmo, pois Kant parece “não se dar conta de que a contradição é justamente a elevação da razão sobre as limitações do intelecto e a solução das mesmas” (HEGEL, 1993²:61).

Para compreendermos essa dialética hegeliana como processo fundador do real, do mundo, devemos antes fazer um esclarecimento. Comumente contrastamos o que é real ou efetivo com as idéias e pensamentos, afirmando que uma coisa é meramente uma idéia e não real ou realizável, ou que a realidade está confusa ao não coincidir com as idéias ou ideais pensados – o que é fundado justamente naquela consideração da verdade como correspondência. A proposta de Hegel é a de demolir essa oposição, por isso argumenta que as idéias não coisas tão-somente subjetivas, mas estão imanentes à realidade, ou seja, as coisas não podem ser se não forem estruturadas de acordo com os pensamentos da **Lógica**. Há assim uma identidade entre a realidade e as idéias, entre o ser e o pensar, sendo que

¹³ Cf. também na Doutrina da Essência (HEGEL, 1993²:52).

assim como as coisas ditas reais somente o serão se considerarem a lógica ditada pelos conceitos da **Ciência da Lógica**, a própria lógica é a consideração de uma realidade possível de ser racionalizada, por ser ela também racional. A realidade é racional, é acessível ao discurso e ao pensamento, e o esforço do filósofo é o de compreender racionalmente essa realidade, mostrando-a como ela verdadeiramente é: uma racionalidade do conceito. É por isso que podemos afirmar que, em Hegel, a dialética pressupõe, como fundamento ineliminável, a concepção da realidade. Concepção essa que é tomada como processo que se desenvolve mediante contradições: pois essa realidade é a unidade das contradições. A dialética é o movimento que está inerente a essa realidade, articulando a própria vida do todo. Não é uma ação extrínseca, como que um procedimento sofisticado, que introduz externamente uma contradição. Caso assim fosse, seria algo meramente formal, porém, para Hegel, essa contradição é inerente à realidade. Em outros termos, a dialética hegeliana não é um método, uma astúcia do filósofo, mas a apresentação, por meio do discurso, da própria lógica que estrutura o mundo real. A consciência filosófica não reflete sobre o real como se o tomasse como algo fora dela, mas se configura como um verdadeiro abandono à vida do objeto.¹⁴

Hegel terá a identidade verdadeira como aquela que exige a diferença, ou seja, aquela que contém em si mesma a diferença. O método é a negatividade que se refere a si mesma, pura identidade no se repelir a si mesma, e por ser essa auto-exclusão de si ele traz em si a diferença. O ser é a negação como relação, diferença, ser posto, ser mediado, no qual a identidade é certamente algo negativo, negação do ser em suas determinações, relação negativa ou diferença consigo mesma. Ao tratar da diferença, Hegel demonstra que ela primeiramente surge como imediata, ou seja, como a pura diversidade, na qual cada diferente só é em si porque é um para-si, independente ou indiferente a sua relação para com o outro diferente. Algo somente se sabe como diferente porque não é o que o outro é, o que é uma relação puramente exterior, pois nesse caso sua diferença tem de ser mediada por um terceiro que compara os diferentes e deduz sua igualdade ou desigualdade. E embora a comparação tenha o mesmo substrato, o entendimento sempre tende a ver a igualdade e a desigualdade como dois lados completamente diferentes e excludentes, ora, Hegel faz notar que a igualdade é só o primeiro momento dessa relação, ou seja, a identidade, e a desigualdade a diferença, que, como dito, não podem ser consideradas separadamente.

¹⁴ Pois a dialética hegeliana, como dito, não pode ser considerada um atuar exterior e que pode ser entendida a todo o sistema: “Aqui o desenvolvimento dialético do pensamento é uma ação da própria coisa, ele é imanente à coisa, ele é seu movimento, que é experimentado pelo pensamento. É união de ser e pensar. Cabe ressaltar que a expressão “a coisa mesma” veicula a natureza do método e do ato reflexivo e especulativo, pois não é a filosofia um discurso *a cerca* da coisa, mas a sua auto-exposição, e o que se pretende nesse **Prefácio** não é proceder por aproximação exterior e circunstancial, mas sim *estar na coisa e a abandonar-se a ela*, nessa unidade do ser e do processo que o engendra, o que nos remete a reconhecer nesse *abandono à coisa mesma* o segredo da dialética.” (NICOLAU, 2007:134).

Assim, Hegel faz notar que, da mesma forma que a identidade pode ser formulada como uma lei-do-pensar, a diferencialidade ou diversidade também o pode: “Tudo é diverso” ou “não há duas coisas que sejam perfeitamente iguais uma a outra” (HEGEL, 1993²: 50), o que, se a diferença se tratasse de algo completamente oposto à identidade, iria comprovar sua separação, porém isso não ocorre, já que a diversidade não pode ser absolutizada, assim como não o pode a identidade. Algo não pode ser diverso de si mesmo, e se dissermos que um idêntico é diverso, ele o será por sua própria determinação, ou seja, lhe é próprio ser diverso de um outro para que se afirme como idêntico a si, assim “quando o entendimento se aplica à consideração da identidade, de fato já está para além dela; o que tem diante de si é a diferença na figura da simples diversidade” (HEGEL, 1995: 231), a diferença aparece na identidade e a identidade na diferença, uma é um aparecer na outra. Com isso assegura a contradição até mesmo no princípio de identidade, principal obstáculo posto pelos críticos da dialética.¹⁵

Dessa forma, Hegel não tem problemas em ter o positivo como um negativo e o negativo como um positivo, já que o negativo tem o positivo como seu negativo, se tornando um positivo enquanto para-si, e o positivo se torna um negativo enquanto um ser-para-o-outro, ambos são uma contradição posta, suprasumir do outro e de si mesmo, reflexão sobre si e sobre o outro. A afirmação “toda determinação é uma negação” caracteriza bem o primeiro nível de engendramento da identidade a partir de oposições.¹⁶ Se a identidade é, como diz Hegel várias vezes, “o outro do outro” é porque a produção de determinações é a ação estrutural dependente da dialética, que é assim pensamento da relação.

Assim, quando falamos sobre como se dá a negação em Hegel, devemos considerar dois níveis distintos de negação: a negação abstrata, ou negação simples, e a negação absoluta, ou negação da negação, que é já resultado especulativo de uma negação determinada. Essa primeira negação, negação simples, é definida pelo delimitar de uma determinidade que ocorre no desenvolver lógico, tendo sua identidade posta através de relações de oposição. Logo, o que temos nessa primeira negação é uma relação para com o outro, dada pelo

¹⁵ Pois desde que Hegel fez essa afirmação tão provocadora, é posta a pergunta de como se pode pensar a contradição existente, sem que o pensamento caia no completo absurdo. Tal questão foi tomada por Trendelenburg, Hartman e Popper (Cf. CIRNE-LIMA, 1993:67-69). Assim, diz Hegel: “Disto resulta claro que o princípio de identidade mesmo, ainda mais o princípio de contradição não são de natureza analítica, mas sintética. Com efeito, o segundo princípio contém em sua expressão [A não pode ser ao mesmo tempo A e -A], não apenas a vazia e simples igualdade consigo, senão o outro daquela igualdade em geral, e não apenas ele, senão também a absoluta desigualdade, a contradição em si. O princípio mesmo de identidade, entretanto, contém, como se destacou nele, o movimento da reflexão, isto é, a identidade como desaparecer do ser-outro. O que resulta, portanto, dessa consideração consiste que, em primeiro lugar, o princípio de identidade ou de contradição, ao ter que expressar como verdade apenas a identidade abstrata, em oposição à diferença, não é de nenhuma maneira uma lei do pensamento, senão o contrario mesmo dessa, em segundo lugar, que estes princípios contêm mais do que se entende com eles.” (HEGEL, 1993²:43).

¹⁶ “Esta proposição é de infinita importância” (Cf. HEGEL, 1993¹:146-147).

reconhecimento da insuficiência que esse primeiro momento é enquanto isolado, pois sua determinação somente se dá ao considerar um diverso que lhe é oposto. Por exemplo, a saúde somente pode ter sentido em sua relação com a doença, e vice-versa, a doença somente tem sentido por se opor e relacionar à saúde.

Nesse sentido, a unidade determinada hegeliana, ou seja, o conceito de negação da negação, não é simples posição de uma afirmação, construção da unidade a partir de uma lógica da adequação. Ela é reconhecimento da essência dos objetos como negação em si¹⁷, o que marca o estreito vínculo que a dialética hegeliana possui com as filosofias de Heráclito e Platão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUM, Manfred. *Die Entstehung der hegelschen Dialektik*. Bonn: Bouvier, 1986.

BRITO, Emídio Fontenele; CHANG, Luiz Harding (Org.). *Filosofia e método*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BERGE, Damião. *O Logos Heraclítico*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

CHAGAS, Eduardo F.; UTZ, Konrad; OLIVEIRA, James Wilson J. (Orgs.). *Comemoração aos 200 anos da “Fenomenologia do Espírito” de Hegel*. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

CIRNE-LIMA, Cláudio Roberto. *Sobre a contradição*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

GADAMER, Hans-Georg. *La dialéctica Hegel – Cinco ensayos hermenéuticos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

GOLDSCHIMIDT, Victor. *Os diálogos de Platão – Estrutura e método dialético*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência de la Lógica*. 2 Tomos. Buenos Aires: Librarie Hachette, 1993.

_____. *Propedêutica Filosófica*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.

¹⁷ Porém, Hegel já fazia idéia do preconceito para com essa noção de negatividade: “Esta noção de que a negação da negação é o positivo, aparece como algo trivial, algo que intelecto orgulhoso não precisa, portanto, prestar atenção, pese a que a coisa tenha sua exatidão. E tal noção não apenas possui esta exatidão, senão que tem a raiz da universalidade de tais determinações, extensão infinita e aplicação universal, de modo que haveria, por certo, que prestar-lhe atenção.” (HEGEL, 1993:133).

_____. *Lectures on the History of Philosophy*. 3 vol. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., LTDA, 1892.

HERÁCLITO DE ÉFESO. Fragmentos. In: PRÉ-SÓCRATICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 51-63. (Coleção Os Pensadores).

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Ontologia e história*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. *Método e dialética*. In: BRITO, Emídio Fontenele; CHANG, Luiz Harding (Org.). *Filosofia e método*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 9-17.

LUFT, Eduardo. Contradição e dialética: um estudo sobre o método dialético em Platão. In: *Síntese Nova Fase: Ética e Justiça*, v. 23, n. 75, p. 455-502, out.-dez. 1996.

_____. *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel*. Porto Alegre: Edpuccs, 1995

MATTÉI, Jean-François. *Pitágoras e os pitagóricos*. São Paulo: Paulus, 2000.

NICOLAU, Marcos Fábio A. O movimento dialético na introdução ao sistema da ciência – O prefácio a Fenomenologia do Espírito. In: CHAGAS, Eduardo F.; UTZ, Konrad; OLIVEIRA, James Wilson J. (Orgs.). *Comemoração aos 200 anos da “Fenomenologia do Espírito” de Hegel*. Fortaleza: Edições UFC, 2007, 127-144.

PLATÃO. *República*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. Sofista. In: _____. *Diálogos*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PRÉ-SÓCRATICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

SICHIROLLO, Lívio. *Dialéctica*. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

SCHÜLER, Donald. *Heráclito e seu (dis)curso*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

SPINELLI, Miguel. O desenvolvimento da dialética no interior da filosofia grega. In: *Hypnos*, n. 13, p. 69-83, 2º sem. 2004.

UTZ, Konrad. O método dialético de Hegel. In: *Revista Veritas*, v. 50, n. 1, p. 165-185, Mar. 2005.

WAHL, Jean. *Introducción a la filosofía*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1950.

THE PRESUPPOSITIONS OF HEGELIAN DIALECTICS

ABSTRACT: We will search the presuppositions of hegelian dialectics, which, though in constant dialogue with the tradition, is not a dialogical method, an "art of dialogue" that search to demonstrate a thesis by an argumentation able to clearly define and distinguish the concepts involved in the discussion , as conceived by Aristotle and the medievals. The Hegelian dialectic is not, in any way, other than its content, because it is the content itself, the structure and development of the own being.

Keywords: Hegelian Method, Dialectic Tradition, Contradiction.

Recebido em 01 de agosto de 2009; aprovado em 12 de agosto de 2009.